Hellen Cristina Picanço Simas
Sebastião José Nascimento de Souza
(Organizadores)
Histórias Ancestrais do Povo Parintinense
Volume 2
Atena Editora
Ano 2024

Hellen Cristina Picanço Simas
Sebastião José Nascimento de Souza
(Organizadores)

Histórias Ancestrais do Povo Parintinense

Volume 2

Atena Editora

Ano 2024

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Histórias ancestrais do povo parintinense - Volume II

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Hellen Cristina Picanço Simas
Sebastião José Nascimento de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 Histórias ancestrais do povo parintinense - Volume II / Organizadores Hellen Cristina Picanço Simas, Sebastião José Nascimento de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2187-0
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.870241502

1. História do Amazonas - Parintins/AM. 2. Povo parintinense. 3. Variação linguística. I. Simas, Hellen Cristina Picanço (Organizadora). II. Souza, Sebastião José Nascimento de (Organizador). III. Título.

CDD 981.13

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

DECLARAÇÃO DA EDITORA

APRESENTAÇÃO

O presente livro é continuidade de um trabalho de pesquisa iniciado em 2020, cujo objetivo foi registrar relatos sobre as histórias ancestrais do povo parintinense. Apesar da pandemia, conseguimos registrar 20 histórias, que formaram o volume 1 do livro Histórias Ancestrais do Povo Parintinese (2021). Os relatos foram recebidos via WhatsApp em áudio ou em mensagem de texto.

No passado, era comum a transmissão intergeracional das narrativas sobre visagens, mas atualmente não acontece sempre a transmissão delas pela oralidade para as gerações mais novas. Muitos argumentam que não narram mais porque tem vergonha, pensam que serão chamados de mentirosos. Por isso, decidem guardar para si as narrativas. Porém, após a publicação do primeiro livro de narrativas, recebemos, com alegria, muitos pedidos de moradores da cidade para que registrássemos suas narrativas, por isso demos continuidade a pesquisa e reunimos, neste livro, 16 narrativas ligadas ao imaginário do povo parintinese.

A pesquisa foi realizada por meio do Programa Curricular de Atividade de Extensão (PACE), no curso de Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Socais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. A atividade recebeu o apoio financeiro, o qual foi empregado na publicação deste livro digital. Por isso, muitos autores das narrativas são alunos ou egressos do ICSEZ. A ideia foi despertar nestes jovens o interesse pelas narrativas e, ao mesmo tempo, capacitá-los por meio de oficinas a realização de entrevistas e transcrição dos textos.

As narrativas não só registram as histórias de visagens, mas também a variação linguística parintinese. Preservamos nos textos escritos as marcas da oralidade em quase todas as narrativas. Algumas não têm este registro porque os autores preferiram escrever a narrativa ao invés de as contarem oralmente.

Esperamos que este livro seja mais um passo para o fortalecimento das narrativas ancestrais sobre o imaginário amazônico e que fortaleça o elo entre as gerações passadas e as novas gerações, para que essas histórias se perpetuem de geração para geração.

Hellen Cristina Picanço Simas
Universidade Federal do Amazonas
Sebastião José Nascimento de Souza
Universidade Federal do Amazonas

A primeira vez que ouvi histórias de visagens tinha entre doze anos de idade, em um tempo em que os moradores da pequena cidade de Parintins cultivavam um hábito de sentarem-se nas soleiras das calçadas para compartilhar experiências com visagens, *misuras,* almas e outras conexões com o mundo dos mortos.

A cidade possuía uma extensão territorial reduzida, o que possibilita um *insight* de que a cidade era densamente povoada por espíritos, hipoteticamente das almas de pessoas mortas que por algum motivo faziam essas aparições dispostas as mais diversas explicações. Em uma aproximação antropológica este evento faz parte da tradição oral das expressões e práticas religiosas de matriz africana e indígena e paulatinamente ressignificadas pelo catolicismo popular disseminado na região amazônica. Um movimento sustentado pela crença na existência alguns caminhos para conexão com os movimentos espirituais ou afastar essas aparições perturbadoras, tal como andar com um crucifixo ou se benzer três vezes, fazer o sinal da cruz ou dizer: *credo em cruz.*

Entendo que esse estudo estimula uma categorização que extrapola as de caráter tradicional no campo das ciências ou interpretações simbólicas, incluindo elementos da Antropologia, a Linguística e a Filosofia. Essa proposta de categorização está dada nas narrativas coletadas e apresentadas aqui nessa obra. São possibilidades dialógicas possíveis para dar conta desse fenômeno específico das paragens amazônicas.

Meu recorte temporal e espacial desse prefacio visualiza uma cidade de pequenas dimensões. Fisicamente, tudo ficava próximo à igreja ou ao cemitério local, ambientes férteis para o imaginário dos narradores das aparições. Era tido como certo que no espaço da igreja havia maior concentração de almas penadas do que no espaço do cemitério.

Essa hipótese inclui espaços sombrios dos casarões ou das casas abandonadas onde ocorreram crimes violentos e trágicos. Também os becos eram locais de aparecimento, tal como o beco conhecido em Parintins como Beco do Degola, palco de uma trama passional que culminou na decapitação do marido que atraído para escuridão pela mulher e o amante. Esse crime ocorreu na extremidade do antigo aeroporto da cidade, que sinalizava sua extrapolação.

A frequência das aparições nas igrejas era associada a busca desesperada das almas por orações e oferendas na forma velas que simbolizavam a luz para saída dessas almas da penumbra do purgatório ou da possível descida para o inferno, reforçando assim a prática presente no catolicismo popular. Entendo que essas narrativas foram realçadas por um matiz abrangente provocado pelos filmes insólitos exibidos no cinema local tais como o Exorcista, Sexta Feira Treze, entre outros. Gêneros técnicos e audiovisuais que incrementavam essas falas

por um efeito visual, reforçando as crenças em aparições de mortos na cidade de Parintins.

Lembro perfeitamente das histórias de minha avó materna que falava de uma espécie de procissão a alta hora da noite, eram os Cabeças Amarradas, um cortejo para a súplica pelas almas que vagavam sem descanso. Essa descrição me causava calafrios e eu acabava por me recusar a dormir sozinho. Em algumas cidades como Faro essa tradição ainda existe.

Um outro espaço de aparição era áreas que ficavam no final da cidade e era considerada ainda como área rural que se resumia a três grandes áreas na maioria das vezes ocupadas por pecuaristas locais, a comunidade do Aninga, do Parananema e do Macurany, locais em que até os dias de hoje concentram-se as encruzilhadas e os territórios de despachos. Em tais paragens as visagens parecem se diferenciar em relação as aparições no território urbano. Daí a inferência de que as aparições trazem consigo uma marca do lugar. Embora como no caso de uma aparição rural do Negrinho do Campo Grande nos é possível notar uma espécie de transposição de signos que em "viagem" pelas narrativas aqui chegaram de outras paragens em que a pecuária era mais extensa. Essa área ficava perto o Aeroporto Júlio Belém.

Considerava-se ainda que existia um horário propicio à aparição, de preferência bem tarde da noite, embora não seja um determinante. Eram pessoas que se *engeravam*[1], assumindo formas de animais tais como porcos, cavalos, cobras, além de ruídos, assovios, gritos e choros de crianças supostamente vítimas de aborto, noivas suicidas e abandonadas no altar, homens ou mulheres vestidas de branco entre outras formas. Na maioria dos casos, o rosto era desfigurado ou imperceptível, fato que dificultava a identificação pessoal da aparição.

As descrições das aparições mais convincentes dependiam também da capacidade de cada um, no sentido de apresentar indícios possíveis como se constituíssem provas autênticas do acontecimento. Elas exigiam um domínio performático que incluíam linguagens gestuais para enfatizar sua veracidade. Essa ênfase era ainda sustentada até mesmo com juras, tais como: *Juro por Deus, quero ver minha mãe mortinha, ou quero cegar....*

Estes juramentos conferiam assim, uma eficácia simbólica da autenticidade operando uma espécie de colagem em relação a toda sua extensão narrativa.

Essas falas são compartilhadas e difundidas em um determinado espaço social. Desempenham uma função categórica na construção de um senso de

---

1 É um processo da transmutabilidade das aparências cujas pessoas sustentam a crença acreditam que os agentes causadores de algumas modalidades de doenças sejam os "bichos", seres híbridos com poder de encantamento, que provocam uma alteração do estado tanto físico quanto psicológico da pessoa vitimada pelo seu olhar

pertencimento e na formação de uma identidade coletiva pela via do simbólico. Estabelece conexões entre diferentes grupos étnicos, culturais ou sociais e ajuda criar uma narrativa compartilhada que transcende as diferenças individuais. Torna-se coletiva.

As rodas de conversa mencionadas acima funcionavam como uma plataforma de oralidade onde as pessoas compartilhavam tais experiências. Também é parte presente em todas as sociedades cujas formas variam de acordo com as determinações do imaginário local, por isso entendo que há uma necessidade de categorizá-la dentro das várias possibilidades que estão articuladas de forma indissociáveis na conexão entre esses mundos, dos mortos e dos vivos que constroem formas simbólicas de explicação dos eventos da vida humana. Nesse caso, na Amazônia.

O maravilhoso e misterioso livro organizado pela Professora Dra. Hellen Picanço é resultado de um projeto de extensão da Universidade Federal do Amazonas que nos oferta uma variedade de relatos sobre essas aparições e comunicações espirituais ou simbólicos. O livro tem um caráter de retomada da tradição oral riquíssima nas paragens amazônicas, que propõe um exercício imaginativo riquíssimo que nos traz de volta essa importância do contar histórias. Penso este trabalho é parte de um esforço coletivo que envolveu a dedicação de alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas.

O leitor poderá ir além das histórias de terror e do entretenimento, possivelmente adentrará nos significados mais profundos dessas histórias de visagens e assombrações. É possível explorar a relação intrinsecamente ligada ao modo de vida dos viventes amazônicos em sua relação com a natureza, seus rituais e suas crenças espirituais estruturantes.

Este trabalho contém histórias sobre assustadoras luzes na noite, pessoas que se perdem em sendas misteriosas e de relato de moradores que afirmam ter vivenciado encontros com espíritos e entidades sombrias e aterrorizantes. Essas experiências estão entrelaçadas com a fé, a cultura e as tradições populares, ofertam um vislumbre fascinante do contexto simbólico amazônico.

É importante destacar a participação coletiva se abre uma vereda para pensar onde a religião católica se enraizou e moldou a visão de mundo de seus fiéis. Explora a relação entre o sagrado e o profano, o divino e o demoníaco, o humano e o além-túmulo.

O livro tem como base os relatos e testemunhos colhidos ao longo de uma extensa pesquisa e seleção de conteúdo. De forma abrangente a ideia presente no livro apresentar a forma como essa presença espiritual se manifesta na vida cotidiana dos devotos.

Na leitura deste livro você terá oportunidade de encontrar relatos envolventes de encontros com entidades fantasmagóricas, relatos de aparições divinas e histórias de exorcismos e possessões demoníacas. Aqui se exploram formas multifacetadas de devoção popular, tais como a veneração de santos, o uso de amuletos e a realização de rituais específicos para se proteger dos males que habitam as sombras.

Confesso que o convite de escrever esse prefacio para apresentação da obra teve um sentido especial para mim, porque é sobre uma parte essencial de minha memória e história pessoal e de pertencimento a esse território e seus encantes. Por isso, eu agradeço o convite que me faz sentir parte dessa composição belíssima. Por isso eu agradeço.

Faço o convite ao leitor a aventurar-se neste livro fascinante que apresenta visões, visagens, *misuras e agouro*. Não se surpreenda se ao fechar suas páginas você esteja a olhar por cima do seu próprio ombro questionando o que pode habitar nas sombras mais próximas a você.

Boa leitura!

Gerson André Albuquerque Ferreira
Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

SUMÁRIO

O BOTO NAMORADOR

Data de aceite: 01/01/2024

Josias Ferreira de Souza

Em Parintins, no Bairro Dejard Vieira, no início tinha poucas famílias, muito mato e apenas caminho de terra como acesso. Neste lugar, anualmente, acontece a festa da exposição agropecuária do Baixo-Amazonas. Em um desses eventos, uma moça conheceu um homem durante a festa do Parque Exposição Agropecuária - EXPOPIN[1], mas conhecido como Exposição. E começam a namorar. O homem era bem-vestido, carismático, alegre, aparentava ser de uma família de bem e ser bem-sucedido.

Interessado na jovem, o homem, procurou os pais dela para pedi-la em namoro. O pai, que era pescador, e mãe, que era dona de casa, vendo a atitude respeitosa do homem, não hesitaram e permitiram o namoro. Certo dia, ela começou a passar mal, ficou doente, magra e fraca. Os pais a levaram ao curador, que revelou que existia um animal dentro da barriga dela. Então, a levaram a uma parteira para puxar a barriga da jovem. A parteira confirmou a gravidez e disse que barriga dela não estava normal.

O homem sempre vinha visitar a jovem, mas os pais o proibiram de falar qualquer coisa sobre a gravidez. O tempo passou e a jovem só piorava, estava mais doente. O curador disse que o bicho da barriga dela estava mantando a jovem. O pai pescador começou a investigar o paradeiro do homem. À noite, o pai da jovem subia em uma árvore bem alta, que ficava no caminho pelo qual o homem passava. Ele esperava o homem passar no mesmo lugar todos os dias. Esse mesmo caminho existe até hoje no lado da Exposição.

O pai da jovem ficava de tocaia toda noite observando, de cima da árvore, o homem. Quando o homem passava por baixo da árvore, ele descia para verificar se tinha alguma embarcação na beira e não encontrava nada. Quando o homem retornava e descia, ele descia atrás, mas, não encontrava nada de embarcação. O pai da jovem, desconfiado e temendo a morte da filha, decidiu matar o homem.

Então fez uma emboscada. Esperou o homem no mesmo lugar e no mesmo horário, em cima da árvore, exatamente no lugar que o homem passava. Quando o homem apareceu, o pai da jovem o arpoou. O homem atingido por um arpão se contorceu de dor no chão, gritou bastante e lambou o matagal ao seu redor. Moradores de perto que ouviram o grito do animal arpoado, correram para ver o que estava acontecendo e encontraram o matagal amassado, cheio de sangue e um grande boto morto. A filha do pescador não resistiu e morreu no parto. O filho do boto saiu morto da barriga da jovem.

Dona Maria de 69 anos, que costuma contar essa história aos seus netos, lembra que não podemos brincar com os bichos, as histórias de boto são reais e devemos ter muito cuidado. Ela firma que a história do boto namorador é real e acontece com quem não escuta os pais e são teimosos.

---

1 Parque de Exposição Luiz Lourenço de Souza

CAVALO BRANCO

Data de aceite: 01/01/2024

Sebastião José Nascimento de Souza

De grande porte, com uma crina longa e brilhante como flocos de neve, o majestoso cavalo branco caminhava com uma elegância que parecia desafiar a gravidade. Seus olhos, profundos e enigmáticos, capturavam a atenção de todos ao seu redor. Ao percorrer as ruas de Parintins, o animal exibia-se orgulhosamente, como se soubesse que era objeto de admiração. Sua presença imponente carregava consigo uma aura de inquietude e mistério.

O cavalo branco, como era conhecido entre os habitantes da cidade, tornou-se uma parte integral do cotidiano de diversos bairros. Ele não tinha um local fixo nem um itinerário predeterminado; parecia saber intuitivamente onde deveria estar em cada momento para ser contemplado. O mais curioso era como ele desaparecia ou se despediria sem cerimônias. Aqueles que o procuravam jamais o encontravam, enquanto outros eram agraciados com a graça de sua presença quando menos esperavam.

A presença de um cavalo branco, tão belo e saudável, vagando livremente pela cidade começou a despertar a curiosidade dos parintinenses, que passaram a questionar a quem ele pertencia e por que aparecia misteriosamente todas as tardes. Muitos moradores decidiram investigar a origem do cavalo e descobriram que ele não possuía nenhuma marca distintiva que o identificasse como propriedade de alguém. Apesar de procurarem em todas as fazendas próximas da cidade, não encontraram nenhum indício sobre sua procedência.

Durante muito tempo, o cavalo branco foi apenas considerado um animal perdido ou fugitivo que vagava pela cidade em busca de pastagem. Contudo, aquele belo animal que antes despertava admiração passou a causar aflição e, em certa medida, medo. As pessoas tendem a temer o desconhecido.

Logo começaram a chamá-lo de “cavalo encantado”, pois acreditavam que ele não pertencia a alguém, mas sim a algo sobrenatural. Segundo os relatos, o cavalo era a manifestação de um homem rico, alto, de cabelos grisalhos, que todas as tardes se transformava em animal como uma forma de punição. Embora não se soubesse ao certo qual era a natureza dessa punição, ele tinha que peregrinar pela cidade na forma de cavalo durante todo o período de lua cheia.

Diariamente, o senhor misterioso dirigia-se à floresta e desaparecia por um longo período, exatamente quando o cavalo branco aparecia pelas ruas. O mistério em torno do cavalo encantado, cuja identidade nunca foi revelada, ainda permanece no imaginário dos moradores de Parintins. No entanto, o fato é que o homem da história e o cavalo branco nunca foram vistos juntos no mesmo lugar.

O ASSOBIO DO CURUPIRA

Data de aceite: 01/01/2024

Yandrei de Souza Farias

Havia um homem chamado Clair dos Anjos Mendonça, um senhor de setenta e quatro anos, que nasceu e foi criado na Ilha das Onças, no município de Parintins. Ele passou sua infância nas regiões de Mocambo e Arari, onde sua família se estabeleceu. Inicialmente, residiam em Arari, mas devido às frequentes enchentes, decidiram se mudar para o Mocambo, uma área de terra firme.

Para garantir o sustento da família, eles criavam gado e, durante as cheias, conduziam o rebanho para a várzea. No entanto, à medida que as enchentes aumentavam, tornou-se mais prático permanecerem permanentemente no Mocambo. Eles venderam o terreno na várzea e estabeleceram-se definitivamente na terra firme.

Clair adquiriu um terreno na Cabeceira da Carlota, uma cabeceira próxima, que abrangia trinta e cinco hectares. Ele decidiu cultivar uma roça lá, plantando maniva e pés de guaraná. Após a colheita, ele deixou o terreno descansar por três anos antes de iniciar uma nova plantação.

Um dia, Clair decidiu retornar ao seu terreno para iniciar um novo ciclo de plantio. Ele subiu o terreno alto e começou a roçar o mato. Trabalhou diligentemente até às onze horas da manhã, quando decidiu descer até o riacho para pegar água e buscar o peixe que havia deixado lá embaixo.

Ao se aproximar do riacho, Clair ouviu um assobio peculiar, que reconheceu como sendo o assobio da Curupira, uma figura lendária das florestas. Intrigado, ele parou para escutar e percebeu que o som parecia estar vindo de baixo de uma rama próxima à margem do riacho. Com cautela, ele deixou a panela com peixe e avançou devagar em direção ao ruído, mantendo os olhos fixos no local.

A cada passo, Clair notava um movimento na vegetação, mas não conseguia enxergar claramente o que estava lá. Ele continuou avançando lentamente, esperando ver o que estava causando aquela agitação. Foi então que ele viu algo semelhante a um curumim, uma criança indígena, assoviando baixinho e se movendo entre as folhas de ubim.

Apesar de não conseguir ver claramente a figura, Clair ficou fascinado. Ele deu mais alguns passos à frente, na esperança de ter uma visão clara do que estava ali. No entanto, o movimento cessou repentinamente. Ele continuou a escutar, mas após alguns minutos, percebeu que a Curupira havia subido a encosta íngreme e desaparecido na floresta.

Clair voltou ao riacho para lavar o peixe e encher a panela de água. Embora não tivesse conseguido ver claramente a Curupira naquele dia, sua curiosidade permaneceu. Ele sentiu uma mistura de emoções, mas o medo não estava entre elas. Clair estava movido pela pura curiosidade, ansiando por um vislumbre da misteriosa figura lendária que habitava aquela região.

Desde então, muitos anos se passaram, e embora Clair não tenha mais ido brincar naquela área, ele guarda com carinho a memória daquela experiência única. Para ele, não foi um encontro assustador, mas um lembrete da riqueza e dos mistérios da natureza que cercam a Ilha das Onças e a região amazônica em que cresceu.

CAPÍTULO 4

A LOIRA DO RIO

Data de aceite: 01/01/2024

Maria de Nazaré Souza Matos

Raimar dos Reis Martins

Eu estava lavando ropa aí na pia, eu vi ela boiar, quando ela vir ela boiar, assim, parece que ela vem do fundo cuns braço fechado e quando ela senta, ela fica de braços aberto. Cabelo dela é luro, luro, nunca vi ela de frente, só vejo ela de costa.

Quando tava com quinze dias da morte do meu marido, fui que eu vir ela, depus disso, passu tempos, que nunca mais tinha visto ela. Passu uns anos aí, quando ela buiu de novo aí que vi ela de novo, do mesmo jeito ela boia de braços fechados e senta de braços abertos, cabelo dela luro. Num passou nem uma semana, o rapaz caiu n'água aqui no purtu, nunca encontraru o curpo dele. Cinco dias, procuram ele, e não encontram. Aí eu não sei purque, não encontraru ele.

Outra menina também foi assim, elas estavam pulando n'água, elas subiam da água trepavam no pau, pulavam pra água novamente e, na última vez que ela pulo, ela nu reiu[2] mais, só as duas que saíram pra terra desesperada.

Aí eu chamei o meu rilho[3] que estava cuncertando mamadeira e o meu genru que estava com bar dele aberto e eu disse que a menina tinha morrido afugada aí na beira. Eles correru pra lá e não cunseguiru tirar ela. Depois que veio mais gente pra procurar. Conseguiu encontrar ela, meu neto, tirou ela do fundo morta. Aí o pessoar do hospital vieram, a polícia e levarum o curpu daqui do purtu[4] de casa.

O Conselho que du é que não venha pular n'água, nessa frente, tanto daí da Natal[5] até o meu purto. É pirigusu[6] pra quem não conhece, porque ninguém sabe o que mora aí nu fundo. É o Conselho que eu du pras crianças, rapazes mesmo, que muitas vez, no dia de domingo, como hoje pulum muito n'água, aí num sabim o que tá acontecendo. É um cuselho que eu du.

---

1 Texto é registro fiel da fala do entrevistado para se preservar a variação linguística do falante.
2 Veio
3 Filho
4 Porto
5 Nome de uma ferragem
6 Perigoso

O HOMEM QUE VIRAVA CAVALO

Data de aceite: 01/01/2024

Kedson Silva e Silva

Certo dia, conversei com uma senhora que me contou uma histórica que aconteceu com ela quando estava grávida. Assim ela narrou sua história:

Ainda sem asfalto, nos tempos que as ruas ainda eram de chão batido com pequenas pedras, eu estava grávida de uma de minhas filhas e sentindo as contrações do parto. Isso já era bem tarde, morávamos na rua Armando Prado, Bairro de São Benedito, próximo ao antigo matadouro, em uma casa de madeira e, segundo meu marido, era por volta das 23h30mim ou 00h, em uma noite fria, quando ele saiu de bicicleta para buscar uma parteira que morava perto da casa do seu pai na rua Governador Leopoldo Neves, chegando nas proximidades da praça da Catedral avistou um cavalo branquinho e muito bonito comendo capim e rinchando bem alto.

Ao retornar para casa com a parteira na garupa da bicicleta e enquanto ela puxava a minha barriga para ajeitar o bebê para o seu nascimento, ele contava a história do surgimento do cavalo branco que estava na praça, mas disse que não sentiu medo e o "animal" não o atacou, mas o causou estranhamento e eu e ele ficamos com isso na cabeça.

Já havia energia elétrica nesse tempo. Eu estava estudando no Colégio Batista e no meu retorno da escola dias após o parto, comentei para as minhas colegas sobre o tal cavalo branco, e para minha surpresa, essa colega que eu vou resguardar o nome me contou que a mãe dela viu um homem moreno, estilo pescador com chapéu, calça e camisa mangas compridas virar cavalo em um caminho que ficava em frente à casa dela. Ela morava longe da nossa, em outro bairro. Aí ela conta que sua mãe se escondeu espantada em sua casa que era feita de palha, ficou olhando após fazer um buraco entre as palhas, aguardou o que aconteceria com o cavalo branco, que após quase uma hora, voltou a rolar no chão e quando ficou em pé já era novamente homem e com as mesmas vestes. Não vou citar nomes para evitar confusão.

Eu não vi! Mas meu marido viu, a mãe dessa colega viu e quando fomos procurar saber com outros vizinhos sobre o cavalo branquinho, muitos sabia da história do cavalo e afirmavam ser real, sendo esse os motivos de não saírem muito tarde da noite de casa ou retorno das festas. Inclusive, disseram que este cavalo era um vizinho bastante conhecido no bairro, já falecido, que se enjeirava no tal animal e saia em algumas noites para se alimentar e rinchar na praça da Catedral durante a madrugada.

CAPIVARA DA SEMANA SANTA

Data de aceite: 01/01/2024

Lana Andrade Cunha

Ele gostava de caçar capivara, ele matava muita capivara no tempo que ele chegou, capivara, tatu. Aí no dia da Semana Santa, era uma sexta – feira, ele saiu pra caçar, aí a mulher dele disse:

- Olha, não vai, isso é Semana Santa, rapaz, tem que guardar.

Ele respondeu:

- É que guardar, eu tenho que comer.

Aí ele foi embora. Aí ele foi embora caçar.

Aí a mulher disse de novo:

- Num vai.

Mas ele foi embora. Quando ele chegou lá nonde[2], tinha, tinha feito a espera pra ele mantar as capivara. Quando ele chegou lá, ali, veio uma capivara, ele atirou, só que ela não apareceu. Aí veio a outra e ele deu outro tiro, mas não apareceu o bicho. Aí na beira[3] da terceira tentativa e nada.

Quando foi mais tarde disse, rapaz, eu vou me embora daqui. Negócio aqui não está muito fácil não. Aí desceu da árvore da espera, onde ele estava e ele foi embora pra canoa. Aí disse:

- Rapaz, mas eu vou fazer mais uma tentativa.

Então, ficou lá um bom tempo esperando, aí apareceu uma capivara e ele atirou. Atirou e carregou ela. Carregou até a canoa. E veio embora.

Quando ele se montou na canoa, colocou ela pra fora pra sair, pra remar. Foi que ele olhou pra trás, então viu a capivara estava sentada na canoa. Aí ele ficou olhando, aí disse:

- Ei! Rapaz, que negócio é esse? Que negócio é esse aí, que está acontecendo aqui: esse bicho sentado aí. Aí a capivara olhou pra ele e disse assim:

- Hum... te falei que não era pra te caçar.

Daí ele pegou e jogou ela na água e veio embora, mas quando ele chegou no porto da casa dele, a capivara estava lá de novo sentada.

Aí ele foi, chegou, contou pra mulher dele o ocorrido e ela falou:

- Te falei que não era pra ti ir. Aquela capivara ficou perseguindo ele por um bom período de tempo assim. Ele ia caçar, ele ia pescar, ela perseguia. Aí lá, um dia, dois mentiroso, que a gente chama de mentirosos, falaram que era a mãe das capivara que tinha feito aquilo pra ele e ia levar ele, né? Que ia levar porque a gente estava caçando na Sexta-Feira Santa, que era pra ele guardar e não guardava.

Aí lá um dia ele pegou, foi embora. Atrás de novo de capivara. Aí chegou veio um homem quando ele pegou a canoa. Sentou um homem na canoa dele e aí disse:

- Tu vai pra onde?

- Rapaz eu vou caçar.

---

1 Texto é registro fiel da fala do entrevistado para se preservar a variação linguística do falante.
2 Onde
3 Próximo da 3ª. tentativa.

Aí o homem falou:

-Eu já não te falei várias vezes que não é pra te ir?

- Aí ele pegou, deu retorno de volta e foi pra casa dele. Quando ele desceu, chegou no porto e foi embora pra casa dele, o homem disse:

- Assim que vá, senão hoje era teu dia.

CAPÍTULO 7

O CAVALO BRAVO DA BAIXA DO SÃO JOSÉ

Data de aceite: 01/01/2024

Ednelza Bentes

Cássia Miquiles Trindade

Eu lembro quando eu era criança tinha entre 9 e 10 anos, aí o povo, os mais antigos, eles desciam para ir à beirada, aí o cavalo botava eles pra correr! Mais só que, naquela época, não tinha cavalo, assim cavalo “bravo “. Tinha fazenda, mas era distante, assim do seu Dilsinho que era mais pra lá.

Aí o pessoal começaram a desconfiar desse cavalo, porque, toda vez que esse cavalo aparecia, o nosso vizinho, ele, descia pra beira e sumia, aí todo mundo contava essas histórias.

Aí nós curiosas, as crianças curiosa, a gente ia esperar o vovô chegar da pesca, agente levava o café dele e pegava o peixe. Nesse dia, a gente resolveu ir mais cedo, acho que era umas 14:30 pra 15h, aí quando a gente ia descendo, o velhinho ia descendo pra beira, aí na época, tinha a aquelas malvas que dá na beira do rio, aí o homem sumiu pra lá, aí a gente foi olhar, quando a gente deu com aquele cavalo grande assim, cavalo preto, rolando e rinchando, aí a gente procurou o velho nada e era o vizinho aquele cavalo, e ele correu atrás da gente.

Quando ele viu que a gente estava fazendo barulhos, ele correu atrás da gente. A gente, então, se mandou pra casa da dona Mundica, ia gritando. Aí a dona Mundica perguntou:

- O que vocês estão fazendo essa hora aqui pela baixa?

- A gente viemos esperar o vovô, só que o cavalo botou a gente pra correr.

- Olha! esse cavalo não é desse mundo.

Ela falava e o povo que era ele o vizinho que se injerava pra cavalo.

Até que um dia, um homem disse:

- Ah! mas hoje vou descobrir mesmo quem e esse que se enjera pra cavalo.

O vizinho foi pra lá, aí pegou uma estaca, aí deu na perna do Cavalo que machucou feio, até abriu uma brecha nela. Quando foi no outro dia, quem amanheceu com a perna machucada foi o seu Jentino. Então, todo mundo começou a desconfiar que era ele mesmo e ter certeza que ele se injerava naquele cavalo bravo.

Aí a gente já ficou com medo porque ele era um cavalo muito bravo, que botava pra cima mesmo pra pisar na gente. Ele avançava e colocava o pessoal pra correr mesmo.

1 Texto é registro fiel da fala do entrevistado para se preservar a variação linguística do falante.

O CAIXÃO NO MEIO DA RUA

Data de aceite: 01/01/2024

Kedson Silva e Silva

Quando criança, lembro-me que, toda vez, que a energia ia embora, meu pai/avô pegava sua cadeira de embalo e chamava meus tios/irmãos e eu para frente da nossa casa, no bairro Palmares. Enquanto esperávamos a energia voltar, meu pai/avô Osmar contava histórias que, segundo ele, eram reais, mas contadas por outras pessoas antigas.

A rua Itacoatiara, onde passei toda a minha infância e adolescência, finda no lago do Macurany. Entre as histórias do meu pai/avô, ele dizia que durante um bom tempo, antes do bairro ser tão populoso, existia um caixão que saia das águas e parava no meio da rua, onde era a baixada e permanecia ali por alguns minutos e depois simplesmente desaparecia.

Ele dizia que, geralmente, o caixão aparecia nas primeiras horas da manhã, em torno das 4h e 5h, mas não aparecia todos os dias e não tinha dias certos para aparecer. Meu pai/avô trabalhava como carregador no Mercado Central da cidade, por isso saia muito cedo para trabalhar e, em uma das suas saídas, foi surpreendido por amigos que trabalhavam em uma padaria que ficava nas proximidades do rio, no fim da rua, ofegantes. De início, ele pensou que os dois colegas tinham sido assaltados, mas, ao acalmarem os ânimos, porém ainda espantados, afirmaram terem visto um caixão no meio da rua e não tiveram coragem de seguir até a padaria e correram para a parte de cima da rua, onde morávamos.

Ele disse que junto com os colegas, ele desceu a rua para ver o tal caixão, mas nada encontraram, porém, os colegas continuavam afirmando que tinham visto, sim, um caixão no meio da rua e que eles não estavam doidos e nem haviam bebido.

Ao chegar na padaria, contaram aos outros trabalhadores o que tinham visto, o que levou a acabarem servindo de caçoada para os demais colegas. Com o tempo, outros relatos de vizinhos que também disseram ter visto o tal caixão saindo das águas e parando no meio da rua, apareceram, principalmente quando retornavam das festas.

Meu pai/avô disse que nunca viu, mas acredita ser verdade, porque muitas pessoas já morreram afogadas naquelas águas e ouviu muitas outras histórias de visagem contadas pelos padeiros e por moradores próximos do local assombrado. Uns dizia até que era dinheiro que existia dentro do caixão e que o espírito para se libertar precisar dar para alguém em vida.

CAPÍTULO 9

FERRO E O BOTO ROSA DO AMAZONAS

Data de aceite: 01/01/2024

Josias Ferreira de Souza

Ferro era um homem, alto, forte, moreno, trabalhador que morava nas proximidades da Boca do Caburi, interior de Parintins. Ferro, na época, assim, como um bom trabalhador acordava de madrugada, para garantir o pão de cada dia, cortando e lavando Juta, junto com os amigos, primos, irmãos, familiares e conhecidos. Ele nunca faltava no trabalho, sempre alegre e com uma energia contagiante.

Em seu tempo livre, do pouco que tinha, gostava de tomar umas biritas com os colegas, expressão utilizada no interior, para se referir a bebida alcoólica. Com a turma da bebida, ficavam na praia conversando, rindo, gritando, correndo, ouvindo e contando histórias de visagens. Ele era um bom rapaz, mas azarento com as mulheres, por isso, não tinha casado ainda.

Certo dia, voltando para casa porre, cambaleando, caminhando na beira do rio, avistou botos pulando na margem do rio. Ele parou de caminhar e ficou observando os botos, por muito tempo, quase em êxtase, admirando os mergulhos sincronizados.

Já próximo do pôr-do-sol, recolheu algumas pedras na beira e começou a jogar em direção aos botos, apedrando cada vez mais forte e longe, com a intensão de interromper o mergulho dos botos.

Apedrando, ele gritou – Se tiver uma bota aí que venha dormir comigo hoje.

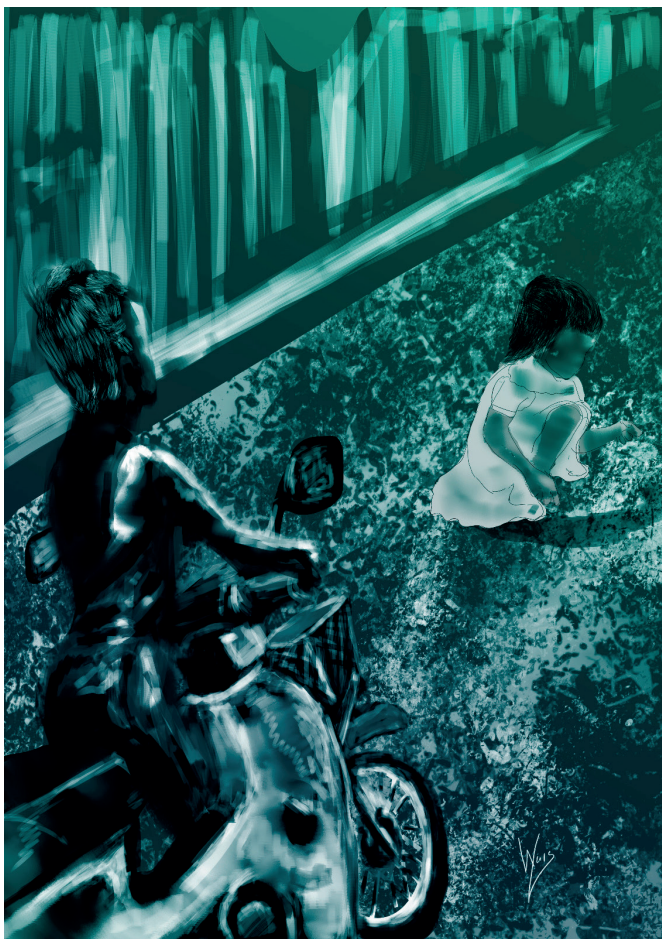
De noite, no barco que ele dormia, chegou uma mulher branca, loira de olhos azuis. A partir desse dia. Toda noite, no mesmo horário, ela aparecia. Ferro, ficou apaixonado por ela e não conseguiu guardar esse segredo.

Ele contou aos seus amigos, que começaram a vigiá-lo e logo desconfiaram que a mulher não era gente, porque no lugar que ela subia e descia do lado do barco, ficava liso e pitiú. Era um boto fêmea que se transformava em uma linda mulher. A família de Ferro, depois de tomar conhecimento deste segredo, procurou um curador para tirar o encanto dele, o feitiço, mas não deu muito certo. Ferro não conseguia esquecer o boto fêmea.

Para evitar qualquer problema com Ferro, seus familiares, nunca deixavam ele sozinho. Sempre tinha alguém na sua companhia, mas, um dia, ele ficou sozinho na casa dos seus pais. Nesse dia, ele correu em direção ao barco. Os moradores viram Ferro correndo pela rua, em direção à praia. Um pescador que por ali passava viu Ferro pulando do barco no rio, foi a última vez que o viram, depois nunca mais.

A GAROTINHA DE VESTIDO BRANCO

Data de aceite: 01/01/2024

Lara Andrade Cunha

Era por volta das 22horas, eu fazia a mesmo caminho todos os dias. Minha filha estudava no Colégio Nossa Senhora do Carmo, o meu trajeto era ali pela rua do Garantido, e todos, todos, os dias eu passava esse horário e nunca tinha me acontecido uma coisa dessas.

Me lembro que foi numa sexta-feira, já era bem tarde, minha filha me ligou umas horas antes do horário, para me avisar que iria sair mais tarde, pois ela e os colegas estavam terminando um trabalho que era para entregar no outro dia de manhã, e claro perguntei se esse trabalho iria ser feito lá dentro da escola? Ela disse que sim, pois a irmã tinha dado permissão para eles fazerem lá.

Então se passaram as horas e nada daquela menina ligar para ir buscá-la, isso já ia da meia-noite, e, eu já estava muito agoniada que isso não era mais hora de aluno está na escola, e ligava e ligava para ela e ela não me atendia, aí eu disse para mim mesma: quer saber? Eu vou lá e fui. Peguei minha moto e fui rumo ao colégio dela, passei pelo Garantido, passei pelo Planeta Boi e fui me embora, não tinha uma viva alma na rua, estava muito vazia, mas acelerava a moto e nem me preocupava se tinha gente na rua ou não, só queria saber da minha filha, porque realmente eu já estava agoniada com aquela demora.

Quando eu ia chegando ali perto da curva da morte, eu vi aquela hora da noite uma garotinha acocada debaixo de uma árvore, olhei bem para os lados, para a frente e fui embora, depois fiquei pensando, o que será que aquela menina estava fazendo ali só ela? Porém, eu sou medrosa ne, (risos). Mas fiquei com a consciência pesada de deixar a garotinha lá sozinha.

Então resolvi da meia volta, já estava próximo ao Padre Jorge, a escola, mas aí voltei, e a garota continuava lá do mesmo jeito. Eu, de imediato, estranhei porque era uma garotinha, devia ter uns 10 anos, e estranhei mais ainda porque ela está de vestido branco, estilo daqueles de batizado, sabe?

Perguntei dela o que ela fazia ali sozinha? Por que estava descalça? Onde estava os pais dela? E ela só ficava me olhando, para mim ela estava com medo, eu ficava perguntando, e ela só ficava me olhando, perguntei onde ela morava? E nessa hora, ela apontou para frente, aí falei: então vamos, eu te deixo em casa, você não pode ficar aqui sozinha.

A garotinha estava descalça, toda sujinha, e sozinha, fiquei muito triste em ver aquilo, mas aí ela subiu na moto, fomos embora, eu ia perguntando dela as coisas, onde ela morava, e ela só fazia apontar, e eu ficava olhando para trás para ver se ela estava lá mesmo, e no caminho ela resolveu falar, disse que a mãe dela morreu ali onde ela estava, nessa hora me deu um arrepio, fiquei morrendo de medo e, ao mesmo tempo, com pena dela.

Resolvi ir devagar, e ela foi conversando comigo, e sério, de verdade, eu a via na moto e ela estava falando comigo, mas aí quando eu olhava para o retrovisor eu não via ela, eu olhava e não via pelo retrovisor, mas aí olhava para trás e ela estava lá sentada na minha moto, e ela foi conversando comigo. Quando fomos chegando perto do curral do caprichoso, ela disse- é mais ali na frente, mas pode me deixar aqui. Então parei a moto, e disse: está bem. Ela me disse tchau.

---

1 Texto é registro fiel da fala do entrevistado para se preservar a variação linguística do falante.

No mesmo momento, eu olhei para a garupa da moto e menina não estava lá, e me assustei, falei: caramba, ela desceu muito rápido, vi um rapaz que estava sentado lá no Caprichoso, era vigia, e perguntei: você me viu quando parei aqui na frente?

Ele disse: - sim.

Eu falei: - você viu para onde a menina que estava comigo foi?

Ele disse: - não tinha ninguém com a senhora:

Eu ri e disse: - claro que tinha, uma garotinha de vestido branco, você não viu?

Ele disse: - eu estou bem aqui sentado e vi quando a senhora parou, e não tinha ninguém com a senhora.

Eu rapidamente fiquei seria, me subiu um arrepio nessa hora, e perguntei de novo, você tem certeza de que nessa moto estava só eu?

Ele disse: - sim, senhora.

Eu disse: - obrigada e fui embora, e aquela sensação de arrepio ficou, comecei a ficar tremula, minha vista escureceu, e estava muito, mais muito com medo... não parava de pensar na garotinha; num instante me assustei, meu celular tocou, era minha filha ligando, dizendo que já estava em casa. Eu não lembro nem como voltei para casa, só lembro que cheguei. Fui contar o que aconteceu para minha filha porque cheguei muito nervosa, ela disse:

- Meu Deus, mamãe, onde então que a senhora viu essa menina?

Eu falei: - ali na rua do Garantindo, no canto.

Ela disse: - no triângulo?

Eu disse: - sim.

Aí ela saiu, me deu água, e foi para o quarto, e eu fiquei na sala, eu estava muito nervosa. Ela foi pegar o celular, e ficou mexendo, aí ela me perguntou:

- Foi para essa “garotinha que a senhora deu carona”?

Eu disse: - sim, ela mesmo.

Aí ela rolou pra baixo, ela disse:

- Mãe, faz 11 anos que essa garotinha morreu, ela morreu ali na “curva da morte”, num acidente, e desse mesmo jeito que ela estava vestida, ela estava vindo da igreja com a mãe quando aconteceu o acidente.

A FREIRA

Data de aceite: 01/01/2024

Hellen Cristina Picanço Simas

Como sou amante de narrativas, certa vez, me pus a ouvir o relato de uma narrativa que se passou com uma moradora do bairro Palmares sobre a aparição de visagem em sua casa, a qual chamavam de a Freira. Ela me contou o seguinte:

Em 1986, eu saí dó interior pôr o interior não ter muitas condições de meus filhos estudarem lá. Então, nós resolvemos sair para a cidade. Só que quando, às vezes, que eu comentava que eu ia para a cidade, as pessoas comentavam que, na cidade, havia contos de histórias, só que eu dizia que nunca isso haveria de acontecer comigo.

Só que, em 1993, eu a resolvi de estudar, foi quando para minha surpresa aconteceu tudo o que vou relatar agora, que, quando eu chegava da escola, eu via as coisas estranhas dentro de casa, eu comentava com meu esposo. Ele dizia que não acreditava, que era invenção minha, que tudo eu inventava. Só que os dias iam se passando, e as coisas iam piorando. Até que chegou o dia eu estava dentro de casa, quando eu via a pessoa, em plena personagem apareceu e falou comigo, que tinha ido levar alimento para mim. Só que aí eu não quis aceitar.

A pessoa era como uma freira, velha, corcunda, era coberta de véu preto e eu fiquei com medo porque quando a gente vê a primeira vez a gente fica com aquele receito de não saber se sair, né? E foi quando eu chamei meu esposo e falei que cada dia mais as coisas iam piorando, foi que ele saiu e comunicou um senhor que tinha bem em frente de casa. E ele falou: - olha isso aqui é muito contos, histórias que as pessoas dizem, né? Até de dinheiro, não meu vizinho talvez isso aqui é dinheiro que tem e, talvez, tão querendo dar para ela. Só que a gente não muito acreditando, foi quando ele disse que tinha visto fogo lá em frente de casa e eu peguei e disse que não acreditava.

Até que um certo dia, meu pai veio do interior e ele estava deitado e ele viu quando a pessoa entrou e estendeu o que nós chamamos de malhadeira. Foi que ele me chamou e perguntou se eu estava pondo uma malhadeira res onde ele estava deitado. Eu disse que não, que eu não tinha nada a falar a respeito disso, só que eu já sabia por que eu já tinha visto várias vezes, só que não foi só eu que vi isso. Minha filha, meu filho e para concluí meu esposo acabou vendo pra ele acreditar o que eu contava.

Aparecia sempre de noite, aí ele pegou e falou para mim que ia procurar alguém que conhecesse para dizer o que que é aquilo, né. Mas primeiro ele disse que ia convidar um rapaz, o rapaz foi lá para ver, só que na hora e no momento que ele começou a mexer, a pessoa apareceu e disse pra mim que não era pra ele mexer porque nada pertencia pra mim e nem pra eles. Eles estavam procurando ao redor da casa, porque tudo era ao redor da casa que acontecia. Só que quando o aparelho entrou em baixo assim, porque a casa era mesmo uma palhocinha, bem na frente tinha uma pedra, aí quando o aparelho foi levando pra dentro, deu tipo um caixão, de baixo de casa. O rapaz do aparelho disse que aquilo era uma visagem, né.

Aí aquilo sempre ia me metendo medo, porque eu nunca tinha visto, né? Assim coisas assim, diferentes, foi quando eu me senti doente, eu adoeci, meu esposo disse que

como já apareceu para mim, eu vou procurar um curador. Eu foi, foi adoecendo, procurava médico e não descobria, fui ficando fraca, enfraqueci. Aí começou a me dá vomito, eu fui ao médico, mas o médico não descobria o que era. Aí quando eu fui com o rezador, ele disse, olha antes de tu me relatares tudo isso aqui, eu já estava sabendo disso, porque uma vez que eu fui na tua casa, visitar tua mãe, na tua casa, eu cheguei lá e vi, dentro da tua casa, realmente tudo que você tá falando eu vi ali dentro da casa.

E aquela visagem, a visagem continua a nos perseguir, perseguiu meu filho, perseguiu minha filha. Meu esposo acreditou só quando apareceu para ele, a mesma coisa que fazia comigo, queria fazer com ele e passou muito tempo, eu passei três meses vendo aquilo, só meu melhorou quando meu tio, o rezador, fez todo o trabalho para melhorar a situação lá em casa. Ele rezou dentro de casa e dentro da casa dele, só que ele disse: -minha filha, quando você chega na sua casa, você vai ver coisas mais estranhas que tem ali, dentro da tua casa, porque não é de hoje que isso acontece na tua casa.

Aí certo dia eu estava na frente de casa, que a gente do interior se senta na frente de casa para conversar, aí eu comento com a vizinha, aí o que que ela me respondeu: -olhe, isso aqui não é a primeira vez, nem a segunda vez que contam essa mesma história, essa história é real, porque o pessoal que morava aqui antigamente eles falavam pra gente. E vocês são as únicas pessoas que tão demorando aqui nesse lugar, porque tem isso aqui, nós não sabemos o que é, mas acho que que é uma coisa do tempo antigo, né? Que viveram aqui e agora vem querendo se comunicar com a pessoa, só que a pessoa fica com medo, não se comunica com a pessoa. Mas eu fiquei muito tempo, até hoje eu tenho tudo em mente, a minha mãe chegou a ver lá. Ela ouvia pessoas tomando banho dento do banheiro e ela levantava ia ver e não era nada e meus filhos, meus próprios filhos diziam que eles não acreditavam, só que eles só foram acreditar depois que eles viram. E há pouco tempo, há pouco tempo, o meu enteado viu lá dentro de casa, ele disse que ele ficou com muito medo quando ele viu essa freira. Só que com a reza, o curador enfraqueceu aquilo que era muito constante. Aí eu melhorei, fui melhorando com o trabalho que ele fez, né? Meu tio fez, fui melhorando, fui melhorando até que passou mais.

Dizem que eram coisas que mandavam para dentro de casa, só que ele disse que era muito antigo, que era pra pessoas não quietarem nesse lugar, ele disse pra mim e pra meu esposo, conversando lá ele falou. Só que vocês têm que ter muito cuidado, porque isso sempre, sempre vai aparecer e sempre aparece. Só que tem vezes que eu tenho maior receio, principalmente quando eu fico só em casa, eu tenho medo, por que sempre, sempre aparece lá até hoje.

O ENCANTE PRÓXIMO AO HOSPITAL JOFRE COHEN: A MORADA DOS MORTOS NO FUNDO

Data de aceite: 01/01/2024

José Caldeira Alves Brilhante

Era 1957, quando tudo ocorreu, Parintins, nessa época, vivia sua era de ouro, tanto no esporte, com a inauguração do estádio Tupy Cantanhede, que movimentava a cidade nos finais de semana, quanto com as projeções do cinema, Cine Saul. Era uma cidade pacata, onde todos se conheciam e, ainda por cima, tinha a aura do misticismo!

Parintins, assim como outras cidades do Amazonas, ainda estava se recuperando da grande cheia de 4 anos atrás (1953). Alguns antigos dizem que o rio Amazonas, quase invadiu a primeira rua da frente da cidade, onde hoje tem o muro de arrimo. Pode até parecer inacreditável, mas os anciões da cidade relembram com riquezas de detalhes.

Principalmente alguns interiores próximos à cidade sofreram muito com a grande cheia. Por isso, muita gente do interior, que acabou perdendo tudo, veio morar na cidade, em busca de situação melhor. Com o casal Maria e Elson, casados há pouco tempo, não foi diferente, vieram morar na cidade, na casa dos pais da recém desposada, por causa da grande cheia. Vieram do Paraná do Ramos, de comunidade do outro lado do rio. Mas, mal eles sabiam o que estava por vim. Na realidade ninguém sabia.

Com essa nova perspectiva de vida, passaram a residir próximo ao hospital SESP[1], hoje chamado Jofre Cohen.

- Poxa meu velho - disse Maria.

– Aqui lembro da nossa comunidade, com esse vento vindo do rio. Dá até para ver nossa casa antiga do outro lado. É só forçar bem a vista.

- Pois é, minha velha! Tem até um pedral, olha! Está bem lá naquela ponta.

- Qualquer dia, vou lá ver se pego um peixe liso para gente comer guisado - disse Elson com um sorriso no rosto.

O marido de Maria, arranjou um trabalho na construção da extinta fábrica de juta da cidade, para juntar dinheiro e sair da casa dos sogros. Porém, mesmo muito atarefado, tinha tempo nos fins de semana. E aquela pesca lembrou de fazer.

- Maria? Está uma tarde bonita de sol. Vamos lá no pedral ver se a gente pega uma janta? Disse Elson animado.

- Por mim eu nem ia, meu velho, mas vou só para pegar um vento. Não estou me sentindo bem. Acho que é por causa da quentura. Um vento vai me fazer melhorar – desabafou a esposa.

E lá foram eles, em busca do tão saboroso peixe liso. Até foram conversando pelo caminho, de como iriam preparar o surubim que talvez pegassem com anzol.

E em pouco tempo, mais aliviada do mal-estar, Maria começou a apreciar o pedral e o barulho da correnteza, provocada pelos barcos e navios que navegavam no curso do rio. As pequenas ondas batiam forte na margem.

Enquanto isso, Elson jogava a linha com anzol e puxava com a esperança de fisgar um peixe desavisado.

1 Secretaria Estadual de Saúde Pública

Tudo estava fluindo bem, com um cenário de tranquilidade perfeito, até o casal notar algo peculiar. Eles sentiram como se fossem somente um, coisas estranhas na pescaria. Vozes começaram a ser escutadas somente por eles, como se alguém estivesse pedindo ajuda:

- “Aaaaaaaaaaaaajuda......”, dizia a voz trazida lá do meio do rio pelo vento, que soprava perto do casal.

- Ei meu velho? Você ouviu isso? Está sentindo esse calafrio?

- Estou sentindo sim. Olha o “porrudo[2]” do sol! E a gente com frio? – indagou abismado Elson.

Em seguida, do nada, alguns peixes começaram a boiar perto do marido de Maria, como se fosse um presente dado a ele.

Bem assustados com todos aqueles acontecimentos, interromperam a pescaria e voltaram para casa.

À noite, custaram a pegar no sono, porque o que sentiram e viram renderam muitas teorias e discussões. Mas lá pelas tantas da madrugada, Maria se levanta. Ela despertou devido a um barulho na cozinha.

- Meu velho? – chamou sussurrando, o marido.

– Você não está ouvindo? Acorda!

O companheiro vivia cansado do serviço, mas não custou muito para perceber que sua amada tinha saído do seu lado, depois de ouvir um grito muito alto vindo da cozinha.

- Aaaaaa......... quem é você? - gritava uma voz.

Elson assustado, sem ainda entender o que estava acontecendo, vai em direção ao grito. E quando ver o mesmo que a esposa, que estava de costas paralisada, fica aterrorizado. Um homem robusto, todo encharcado de água, com algumas partes do corpo roída, aparecendo os ossos, como se algum animal os tivesse comido, e tinha limo verde nascendo em sua pele, fitava Maria, ainda em estado de “hipnose”.

Com pouca lucidez que ainda lhe restava, Elson, sentiu todos os cabelos do corpo se arrepiarem e o queixo começar a bater, como se estivesse com muito frio. Fechou os olhos e abriu para ver se a assombração desaparecia, mas foi em vão. Ela foi quando quis, sumindo na escuridão e deixando um cheiro horrível de podre no ar.

Até Maria destravar, e Elson acalmar os nervos. Alguns segundos se passaram.

- Maria? Maria? - perguntou o marido, sacudindo a esposa.

– Quem era ele? Me responde, mulher! Porque aquele homem grande estava aqui dentro de casa, daquele jeito? Para onde ele foi?

Depois de ser bombardeada por perguntas, a assombrada volta a si e fala:

- Aquilo, quer que nós os libertemos, meu velho. O homem falou que morreu afogado aqui em frente ao pedral e, disse para mim tudo o que eu tenho que fazer, para ele e mais o outros subirem e pagarem pelos seus pecados. Eles estão presos no fundo.

2 Grande

- Isso deve ser coisa de judiaria, Maria. Alguém colocou feitiço na gente. Só pode – rebate o suposto enfeitiçado, com muito medo ainda.

Com o raiar do dia, depois da aparição, seus sogros que estavam na mesma casa, não viram e nem ouviram nada.

Contudo, mesmo não tendo nenhuma prova concreta da realidade da noite passada e de que não estavam ficando malucos vendo coisas imaginadas, Elson ficou determinado a resolver a questão. Ia no curador saber quem estava tentando lhe fazer mal.

- Vamos Maria, lá no Curió, ele é um curador dos bons!

- Vamos meu velho. Eu já estou com muito medo também. Hoje..., eu nem queria te falar. Mas aquele mesmo homem apareceu e começou a me chamar lá do pedral.

- Não se preocupa, minha velha, o Curió vai descobrir, quem está nos jogando judiaria.

Chegando ao curador, ele deu o veredito perante os relados dos assombrados. Não existia feitiço nenhum rogado contra eles. Era para os dois seguirem as instruções do encantado que veio visitá-los, ou coisas piores poderiam acontecer, porque eles foram os escolhidos pelos mortos do fundo.

O encante é um lugar no fundo do rio, onde ficam presas as almas de pessoas que morrem afogadas naquele local e não conseguem sair da água. Elas ficam vagando nas profundezas, esperando por alguém os libertarem. Ninguém os vê, só as pessoas escolhidas.

- Não acredito, Maria, que fomos parar perto de um encante. Eles vão nos perseguir até fazermos o que eles querem.

- Pois é, meu velho. Nós temos que ir lá no pedral, de madrugada, chamar todos. Não é para termos medo, eles vêm em formas apavorantes, mas é rezar em prol de suas almas, para eles subirem para onde devem ir. A reza vai puxar eles para cima - disse a esposa em detalhes, como a assombração tinha lhe dito.

Os dias se passaram e eles não tiveram coragem de ir. E para se protegerem dos mortos do fundo, acabam pegando um remédio com o curador: uma defumação de ervas, que deviam espalhar pela casa, assim os encantados se afastariam.

Foi um alívio para os dois. Por uma semana, dormiram bem e esqueceram do ocorrido. Até Elson começar a adoecer do nada. O hospital Cesp se tornou a segunda casa dos dois, sem os médicos descobrirem nada. Foi uma luta com um vencedor, a doença misteriosa. Elson parou de trabalhar. Acabou definhando rapidamente, vindo a morrer pouco tempo depois.

Maria entendeu que poderia ser o morto do fundo, que fez de tudo para ser libertado, inclusive matar o marido dela.

- "Só pode ter sido ele. Se vingou pelo que não foi feito", ficou pensando, até decidir fazer o que ele queria, se não, a próxima poderia ser ela. E acabou fazendo, mesmo em meio ao luto e enfrentando todos os medos inimagináveis, para viver em paz.

No final, ela ainda disse para mim:

- “Meu filho! Era cada bicho feio que veio na minha direção! Porque mesmo com meus olhos fechados e com minha boca orando, deixava escapar uma espiadela. Eu me tremia toda. Você acredita em mim, né?”

CAPÍTULO 13

O CURUPIRA DO MOCAMBO

Data de aceite: 01/01/2024

Sebastião José Nascimento de Souza

Há uma região no Mocambo, no interior de Parintins, próxima da cabeceira do Carlota, onde a família de seu Clair vivia. Naquela área, a principal fonte de sustento era a exploração da madeira. O irmão mais velho de Clair, habilidoso no trabalho com madeira, liderava uma equipe de serradores. Seu Clair, com um brilho no olhar, descrevia com orgulho o ofício do irmão, revelando que ele possuía um local próprio para realizar o corte da madeira, onde cada tábua, pernambuca, ripão e ripinha eram meticulosamente extraídos.

Nas primeiras horas da manhã, enquanto o sol timidamente emergia no horizonte, a equipe liderada pelo irmão de Clair se preparava para mais um dia de trabalho árduo. Munidos de machados, facas e todo equipamento que utilizavam no dia a dia, eles adentravam a densa floresta, onde as árvores majestosas pareciam tocar o céu. Com olhares experientes, analisavam as árvores, selecionando aquelas que seriam destinadas ao corte.

Enquanto o grupo dava início ao trabalho, o irmão de Clair, movido por uma curiosidade inquieta e o desejo de ajudar, decidiu ir além e buscar outra árvore para derrubar. Com passadas confiantes, ele se afastou do grupo, seguindo o caminho da floresta. Porém, conforme avançava por entre as árvores imponentes, uma sensação estranha começou a se insinuar em seu peito. Um sentimento incipiente de insegurança começou a crescer e, repentinamente, ele percebeu que estava perdido.

O erro de se afastar demais fez com que se perdesse e chegasse a uma área desconhecida. O medo tomou conta dele, contudo ficou cinco minutos pensando no que ia fazer, pois não era comum o irmão de Clair se perder na região que conhecia, o que levou a desconfiar que estava sendo perseguido pelo Curupira.

Naquele momento de aflição, o irmão de Clair recorreu a uma estratégia antiga, ensinada por gerações: arrebentou quatro fios de cipó e fez uma roda, amarrando tudo firmemente. Dizia-se que essa técnica ancestral afastava a presença do Curupira. Ao cortar um pedaço de madeira para reforçar a roda, ele ouviu um assobio perturbadoramente próximo. Certo de que estava sendo perseguido pelo Curupira, o irmão de Clair gritou:

- É tu que tá me malinando, né, filho da mãe? - disse ele, em tom desafiador.

Apesar do medo, o homem sabia que precisava encontrar o caminho de volta. Ele se acalmou, concentrou-se e seguiu uma direção, fazendo uma "pecada" para não se perder ainda mais. Com passos cuidadosos e determinação, ele conseguiu orientar-se e acabou emergindo na cabeceira do lago do Mocambo, um lago conhecido da região.

Com um sentimento de alívio, o homem decidiu que não queria correr o risco de se perder novamente ao voltar pelo mesmo caminho. Ele optou por contornar a área, atravessando a grande ponta da cabeceira e explorando as cabeceiras vizinhas. A travessia foi desafiadora, mas ele conseguiu encontrar a cabeceira da Carlota, uma referência importante para retornar, sabendo onde seus amigos estavam trabalhando.

Enquanto o irmão de Clair caminhava de volta, os seus companheiros de trabalho perceberam sua ausência e, preocupados, decidiram avisar a vila sobre o desaparecimento dele. A notícia se espalhou rapidamente, e uma equipe de busca foi montada, incluindo pessoas de motos e carros, para ajudarem a encontrá-lo. Todos se preocupavam com ele, pois já fazia aproximadamente três horas que estava desaparecido.

Ao chegar ao terreno da família, o irmão de Clair encontrou uma aglomeração de pessoas. Seus entes queridos, angustiados, o aguardavam ansiosamente. Ele relatou o que havia acontecido e a tensão se dissipou com seu retorno são e salvo. Mas essa foi uma experiência que jamais esqueceu.

CAPÍTULO 14

O SANGUESSUGA

Data de aceite: 01/01/2024

Kerolaine Batista Guerreiro

A história que eu sei é de um casal que morava no interior. A esposa do senhor ficou gravida e com tempo ela teve um bebê, era uma menina. Depois de um tempo amamentando a criança, ela começou a emagrecer e ficar amarelada assim..., de tanto magra, e o marido dela procuro um curador e contou a situação que tava acontecendo com sua esposa.

O curador disse pra ele que era pra ele ir pra casa, à noite quande[2] tivesse tudo silêncio, quando tivesse todo mundo dormindo, era pra ele pegar uma lanterna e focar em cima da esposa quanto ela tivesse dando mama pra criança e, assim, ele fez... quando tarra[3] tudo silêncio, ele pegou a lanterna e focou em cima da espoa. Nela tinha uma sanguessuga, na mama da esposa dele. Então, no outro dia, ele voltou lá no curador e contou o que ele tinha visto, aí o curador falou pra ele que era pra ele pegar a esposa dele, levar na beira onde levava roupa, que levasse também a filha e pegasse uma cuia de cama-pu e botasse ela num local onde tivesse areia. Assim ele fez, né? Chego no local, ele colocou o cama-pu na cuia e botou pra criança brincar, e a mãe ficou lavando roupa na bera do rio. Aí começou a esquentar o sol e a criança começou a se agoniar, a chorar e mãe queria tirar ela de lá e ele não deixava a criança sair do local. Foi sol aumentando, aumentando, aumentando... pra banda do meio-dia, ela começou a se enrolar na areia, se enrolou, se enrolou, se errolou na areia e, de repente, ela virou uma sanguessuga.

1 Texto é registro fiel da fala do entrevistado para se preservar a variação linguística do falante.
2 quando
3 tava

O PAU DA VISAGEM

Data de aceite: 01/01/2024

Adson Gadelha

Yandrei Souza Farias

Por volta dos anos 70, havia na comunidade do Macurany, área rural de Parintins, um morador muito conhecido e versátil nas histórias. Mauro Apolônio era um verdadeiro contador de histórias, que relatava diversos causos dos mais absurdos de serem creditados como verdade.

Certa vez, Mauro Apolônio tinha um puxirum[1] para fazer um roçado para plantio de mandioca e o responsável pelo evento tinha que fornecer o café e almoço aos participantes, uma vez que eles só iam com as ferramentas do trabalho, como os terçados, machados etc.

Apolônio já havia abastecido a despensa com bastante peixe para o almoço em uma pescaria no dia anterior, quando, segundo o próprio contava e se gabava[2], teria pescado 2 pirarucus, 3 ou 4 pirararas[3] e meia dúzia de tambaquis de mais de 30 quilos. Porém, faltava o pó de café para o café da manhã, já que este senhor não queria oferecer macaxeira, banana cozida, batata doce ou pupunha, pois segundo ele, em todos os puxiruns que participava só serviam isso.

Por isso, resolveu sair, na madrugada, até a cidade, para a compra de pães, queijos e outras iguarias para ser servido no café da manhã. Por volta das três horas e meia da madrugada, pegou sua bicicleta Monark e saiu de sua residência e foi até a padaria do Parazinho na rua Armando Prado, esquina com a 31 de março.

A viagem de ida transcorreu na maior tranquilidade, pois apesar da noite escura e da imponente floresta que se estendia nas terras do saudoso velho Osmar. A viagem tinha que ser rápida, pois os trabalhadores chegariam logo cedo para dar início nas atividades.

Mauro conta que comprou 10 queijo coalho, 30 pães e 2 sacos de pão torrado e mais outros doces e salgados. Arrumou tudo, amarrou os sacos e o paneiro de pão e iniciou o retorno para sua casa por volta de quatro e meia para as cinco horas da manhã.

A carga estava completa, por isso a bicicleta estava pesada, mas Apolônio já estava acostumado fazer esse trajeto de mais ou menos 5 quilômetros, então passou no Porta Larga, comprou uma garrafa de cachaça, amassou uma e pernas para que te quero.

Entrou na estrada do Macurany, passou pelo Macucaua, pelo Paca, (hoje Djard Vieira) e passou o Jacareacanga[4]. Tudo transcorria tranquilamente até se aproximar do famoso "Pau da Visagem", local onde havia uma grande Itaubeira caída na lateral direita da estrada no sentido Cidade/ Macurany.

Mauro Apolônio nos conta que a bicicleta começou a ficar mais pesada e por mais que ele pedalasse, ela não saia do lugar. Ele pedalou, pedalou, pedalou e nada de conseguir se livrar da visagem, pois a essa altura já sabia que estava sendo judiado pela entidade.

Então resolveu descer da bicicleta e negociar com a visagem, pois precisava levar s produtos para os trabalhadores tomarem o café. Ofereceu uma dose para a visagem, que não se contentou com apenas isso, queria um tira gosto e a garrafa toda. Mauro ofereceu

1 Mutirão de trabalho
2 Expressão usada para dizer que se vangloriava.
3 Peixes amazônicos
4 São nomes de bairros de Parintins, AM.

meiota[5] e um queijo, mas a visagem estava irredutível e fez sua contraproposta querendo a pinga, cinco queijos e os dois sacos de pão torrado.

Ao ouvir isso, Mauro relata que perdeu as estribeiras e resolveu se engatar na porrada[6] com a visagem, quando foram distribuídos vários socos e pontapés. Quando ele percebeu que a visagem tinha cansado e estava praticamente desfalecida pulou na bicicleta, pedalou com bastante força e pegou o embalo.... O Sol já estava raiando e já era possível ver a visagem correndo na estrada para alcançá-lo, visto que ele tinha vencido parcialmente, mas não a tinha eliminado.

Próximo ao Pau ferro, ela o alcançou e novamente começou a puxar a traseira da bicicleta, mas, desta vez, Apolônio pedalou com todas as suas forças que a Visagem se desiquilibrou e foi arrastada na piçarra até um pouco antes de chegar no Balneário da Cristina, onde a visagem soltou a bicicleta do Mauro e este não teve como frear a magrela indo de encontro com as águas do Balneário.

Dona Laurinha, esposa do Mauro, nos conta que, após esperar bastante para o café, um grupo de amigos saíram em busca do Mauro Apolônio, foi que o encontraram jogado nas margens do banho da Cristina, desacordado e sem nenhuma mercadoria.

5 Metade de uma garrafa de cachaça
6 Brigar corporalmente.

CAPÍTULO 16

NEGUINHO DO CAMPO GRANDE

Data de aceite: 01/01/2024

Ednelza Bentes

Cássia Miquiles Trindade

Quando eu era criança a gente ia tirar tucumã com a minha avó né? Minha vó Ciloca, ela gostava de tirar tucumã aí pro campo grande. Ia eu, minha prima, meus primos, éramos sempre cinco com a minha vó. Dessa vez, a gente ficou perdido no meio da mata, a gente não conseguia sair da mata. Sabe assim... a gente ficava rodando em círculo.

A gente passava sempre pelo mesmo caminho. Eu estava cansada, aí eu sentei num tronco caído. Não tem esses tronco de árvore caído aí? Eu sentei nele, aí quando eu olhei pro outro lado tinha um garotinho bem pretinho. Ele estava lá com uma faca, ele estava coisando assim né (raspando um galho de árvore). Eu falei:

- Ei curumim, o que que tu faz aqui sozinho?

Aí ele não respondia. Eu falei:

- Menino, não tem boca não?

Aí eu virei e gritei, vó, tem um curumim perdido aqui. Aí que a minha vó foi ver, naquilo que agente olhou, não tinha garotinho, ele sumiu. Daí me deu uma dor de cabeça tão grande, tão grande, que eu tive febre nessa mesma hora, parece uma coisa...Quando a gente saiu de lá, cada um vinha com um fecho de lenha, né? Pra trazer pra vovó, a gente chegou em casa e eu adoeci, tinha febre, febre, sabe?

Como minha vó benzia, fazia remédio caseiro, essas coisas. Ela foi rezar em mim, então baixou Neguinho do Campo Grande na minha vó e disse que não era mais pra gente abusar no horário de 12h lá no mato, que a gente estava no território dele e quem mandava lá era ele. Ele queria me levar.

Isso era, aqui no Campo Grande, conhecido como Areal. No Areal, onde a gente se perdeu era todinha mata. Não tinha essas casa por ali, era tudinho mato. A gente vinha aí pra vovó juntar muruci, miri, e a vovó tirava muito tucumã.

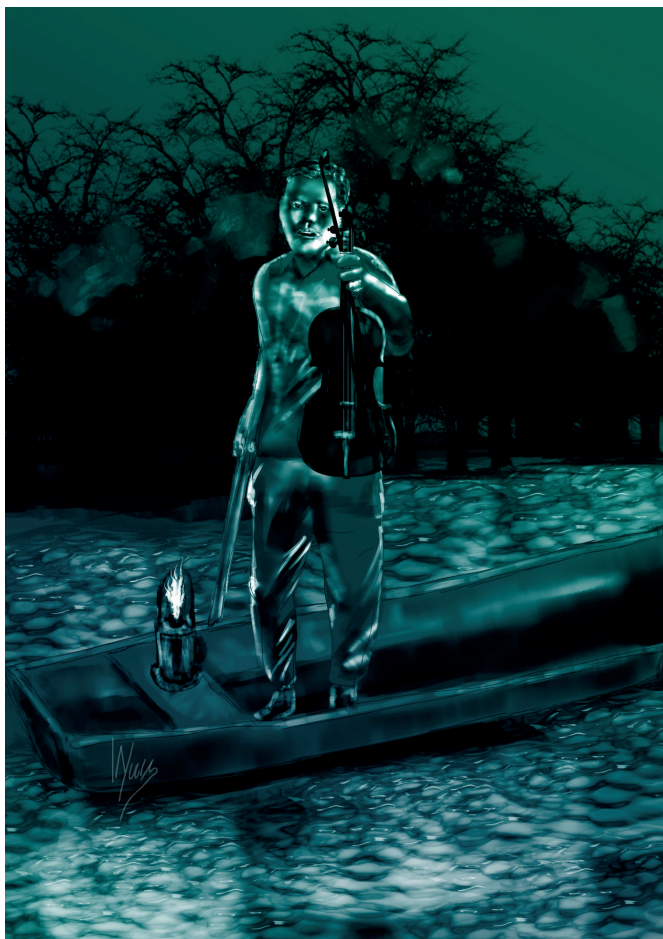
Depois desse dia, eu fiquei maluca. Aí a vovó teve que fazer tratamento comigo. Ela não me levava mais pro mato não.

Mas eu vi mesmo um curumim pretinho, bem pretinho, sabe? Ele estava lá de cabeça baixa. Talvez se eu não estivesse mexido com ele, eu talvez nem tinha ficado com dor de cabeça.

1 Texto é registro fiel da fala do entrevistado para se preservar a variação linguística do falante.

O VIOLINO

Data de aceite: 01/01/2024

Wilson Nogueira

Isso aconteceu há muito tempo, quando o paraná do Xibuí[1], zona de várzea de Parintins (AM), ainda era um grande reduto de criadores de gado e plantações de juta. Moravam por ali umas duas mil pessoas. Todas viviam na fartura. Os quintais estavam cheios de galinhas, patos, marrecos, porcos, carneiros, bodes etc.

Nesse ano, devido à seca dos rios, os peixes abarrotavam os lagos, que se transformaram em lagoas. Entre esses lagos, havia um, o Lago da Traíra, onde ninguém podia pescar durante noite. Aliás, não havia quem possuísse coragem suficiente para enfrentar os seus misteriosos fenômenos.

Inexplicavelmente, esse lago era o único que não secava. Os moradores antigos explicavam que isso se devia a uma gigantesca traíra que sugava água do ar e armazenava-a na raiz das aningas, plantas de caules moles endêmicas nos pântanos.

Quem passasse por lá antes do amanhecer, em razão da busca de solução intransferível, como a assistência do pajé para cura de mordida da cobra surucucu, estava sujeito às visagens que se manifestavam a partir do fundo do lago.

– Já estou arrepiada!

– Eu também!

- Cruz credo!

– Escutem! Deixem-me contar a história...

Mas certo dia, um pecador que se chamava João do Miliano, que se jactava corajoso e descrente do sobrenatural, pôs-se a convidar os mais jovens do lugar para pescarem no Lago da Traíra.

A proposta do corajoso era captura peixes, principalmente pirarucus, para vendê-los na cidade. "Vamos ganhar muito dinheiro", argumentava. Os menos afoitos lhes advertiam das coisas estranhas que aconteciam no lago, capazes de endoidecer os intrusos e aventureiros.

Mesmo assim, alguns poucos sob a liderança de João do Miliano, que também era conhecido pelo sugestivo apelido de o Incrédulo, decidiram pescar no começo da noite, para surpreender os peixes e outros animais de valor comercial na escuridão. A da lua só apareceria lá por volta das quatro horas da madrugada.

Chegaram na beira do lago ao pôr-do-sol. Ergueram um tapiri e começaram a se preparar para entrar no lago quase todo ocupado por aningas. As canoas eles haviam transportado nos ombros desde a margem do Xibuí.

Assim que o sol se pôs, antes de agasalharem os arreios de pesca nas canoas, os aventureiros ouviram um vozerio vindo das entranhas do aningal. Parecia que ali estava se realizando uma grande festa. Ouvia-se até música de violino de fundo e o tilintar de taças e talhares. Não era uma festa interiorana. Parecia festa de ricos.

Todos se entreolharam, porém, somente o mais jovem do grupo, manifestou medo.

- Vocês estão ouvindo? Isso é estranho. Não é coisa desse mundo.

1 Comunidade da área rural de Parintins

Outro concordou:

- É mesmo. Estou todo arrepiado!

João do Miliano, embora também estivesse perturbado, contestou e desdenhou ao mesmo tempo:

- Isso é a manifestação do medo de vocês, bando de frouxos. Não veem que esses sons vêm do farfalhar das folhas do aningal? Vamos entrar e participar dessa festa.

Mal ele acabara de falar, choveu restos de comida ao redor deles: ossos de boi, de peixes grandes e pequenos, penas de aves silvestres etc.

Os pescadores se entreolharam novamente, agora extremamente confusos e sem fala, paralisados. O susto maior foi quando um espinhaço de pirarucu desceu sobre a canoa do João do Miliano.

De repente, a chuva de restos de banquete cessou, e o aningal retornou à sinfonia dos grilos e dos sapos.

Ainda em estado de choque, sem trocar uma palavra, os pescadores foram surpreendidos por uma luz de poronga[2] que se dirigia a eles.

- Quem é?, perguntou João do Miliano, com a voz meio embargada.

- Sou eu!, disse a voz que vinha da luz.

- Eu quem, perguntou novamente O Incrédulo.

- Sou eu, Joquinha, filho do Joca fazendeiro. "É só chegar..."

Joca fazendeiro era proprietário de um terreno de sete restingas no Xibuí. Ele e sua mulher conhecida por Jô do Joca, deram à luz somente a filhos homens. O último, o caçula, apelidado de Joquinha, havia tempo que se mudara para Belém (PA), para estudar.

Joquinha conversou com os pescadores na penumbra da luz da poronga. Contou que estava indo para a casa dos pais, passar férias, mas que, antes, ainda iria visitar a sua avó, dona Petinha, na área oposta ao caminho do seu destino.

Dito isso ele pediu um favor aos pescadores:

- Quero que vocês entreguem esse violino aos meus pais. Não quero correr o risco de danificá-lo ou perdê-lo nessa viagem de tantos percalços. Sei que vocês vão passar pela nossa fazenda muito antes que eu e, assim, meu violino estará guardado e preservado.

O Incrédulo estendeu-lhe as mãos e recebeu o instrumento, que estava em estojo de fino couro.

Joquinha se despediu e os pescadores acompanharam a luz que ele carregava sumir no contorno do Lago da Traíra, no rumo da casa da Dona Petinha.

Assim que a luz da poronga de Joquinha desapareceu na escuridão, a festa recomeçou nas entranhas do aningal. E agora João do Miliano e seus companheiros estavam cercados por uma chuva de taças, copos, talhares, panelas com resto de comida. O ambiente foi tomado por uma baforada de pitiú. Insuportável! A sorte deles é que é esses objetos não lhes atingiam.

2 Objeto usado para iluminar

Até entre os ditos corajosos não havia mais dúvida que a pescaria deveria ser suspensa. Eles retiraram as canoas da água e as arrastaram para o paraná do Xibuí. Passaram pela fazenda do Joca ainda no começo da madrugada.

João do Miliano se apresentou.

- Oi, de casa! Aqui é João do Miliano.

- Pode chegar!, autorizou uma voz que vinha da casa do vaqueiro Japiara.

Ele abriu a janela e seus rostos ficou desenhado pelo contraste entre a luz de lamparina e a escuridão. Sem delongas, João do Miliano estendeu a encomenda de Joaquinha para Japiara e lhe explicou as circunstâncias em que ocorrereu o encontro do grupo com o jovem.

– Impossível. O Joquinha morreu ontem pela manhã. Ele foi atropelado por um carro que invadiu a parada de ônibus que fica em frente ao prédio do Conservatório de Música de Belém.

– Não me diga...!

– O violino dele ficou imprestável. O seu Joca e a dona Jô viajaram ontem mesmo para Belém, para se despedirem desse filho tão querido. Coitados!

HELLEN CRISTINA PICANÇO SIMAS: Professora Associada II da Universidade Federal do Amazonas. Pesquisadora produtividade pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (2023-2024-FAPEAM). Possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2013); Mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2009); Especialização em Ensino, Remoto, a Distância e Metodologias Ativas pela Faculdade Metropolitana de São Paulo (2021); Graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (2006); Graduação em Letras Língua Espanhola pelo Centro Educacional IBRA (2021). Realizou estágio pós-doutoral em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (2018) e estágio pós-doutoral em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade do Norte de Tocantins (2022). Foi professora visitante na Universidade de Santiago de Compostela (2022-2023) e bolsista CNPq pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2022-2023). É líder do Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (Nel-Amazônia/CNPq). Membro da comissão de Línguas Ameaçadas da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN. Membro do programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas. Membro titular da Câmara de Assessoramento Científico FAPEAM (biênio 2022-2024) e coordenadora de curso de Comunicação Social/Jornalismo do ICSEZ. Atualmente desenvolve pesquisas relacionadas às Políticas Linguísticas; Processos Educativos Amazônicos e Narrativas ancestrais, saberes e culturas Indígenas.

SEBASTIÃO JOSÉ NASCIMENTO DE SOUZA: Mestre em Comunicação e Sociedade pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGComs) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Atualmente é professor substituto do curso de Jornalismo (ICSEZ/UFAM) e foi bolsista de Apoio Técnico (Fapeam) no Projeto Cidadania Digital (2022-2023). Integra o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (Nel-Amazônia) e o Centro Internacional de Pesquisa ATOPOS. Seus interesses acadêmicos concentram-se nas áreas de jornalismo literário, webjornalismo, fotojornalismo, narrativas digitais, convergência e transmídia.

Histórias Ancestrais do Povo Parintinense

Volume 2

Atena Editora
Ano 2024

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Histórias Ancestrais do Povo Parintinense

Volume 2

Atena Editora
Ano 2024

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br